

Uma dor perfeita

RICARDO LÍSIAS

Uma dor perfeita

ALFAGUARA



Copyright © 2022 by Ricardo Lísias

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e imagem de capa
Mateus Valadares

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Camila Saraiva
Thiago Passos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lísias, Ricardo
Uma dor perfeita / Ricardo Lísias. — 1ª ed. — Rio
de Janeiro : Alfaguara, 2022.

ISBN 978-85-5652-137-8

I. Ficção brasileira I. Título.

22-97507

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/editora.alfaguara
instagram.com/editora_alfaguara
twitter.com/alfaguara_br

I
AZUL

“Quando o senhor sentiu os primeiros sintomas?”

“Não sei. Acho que a febre passou. Uma inalação não resolve?”

“Quando apareceu o primeiro sintoma?”

“Um leve mal-estar. Estou com aquela variante que não faz nada.”

“Essa tosse faz tempo?”

“Só agora.”

“Me mostra nesse calendário o dia do primeiro sintoma.”

“Não sou idiota, doutor. Se hoje é quinta, foi na outra quinta.”

“E o que exatamente o senhor, que sem dúvida não é idiota, sentiu?”

“Um leve mal-estar. Agora acho que não tenho mais nada. Obrigado.”

“E o que mais?”

“Nada. Acabei de falar que não sinto nada.”

Um navio acaba de atolar no canal de Suez.

“Como foi até aqui?”

“Tive febre três ou quatro vezes. Baixou. Dipirona serve, doutor. O último remédio que tomei, antes de vir para cá, foi o Tylex.”

“O senhor mediu a saturação em casa?”

“Oitenta e oito. A manhã inteira.”

“Na triagem também. Está oitenta e oito desde cedo mesmo?”

“Só isso, não tenho mais nada. E uma sensação estranha de um pouco de falta de ar. Só um pouco. Acho que já posso ir.”

“Senhor Ricardo, não vou correr nenhum risco.”

Calado, receio que essa última frase seja um aviso.

“Vou internar o senhor. Não se assuste, pois será na UTI.”

“É o teu cu. O teu cu é azul. O senhor pode sair agora lá fora, mas teu cu será sempre azul.”

“Responda a mais duas perguntas, por favor.”

“O teu cu? É azul e abóbora, é rosa. Passou da hora.”

“O senhor é fumante? Já fumou?”

Acho que um navio invadiu a areia no Egito. Santo Cristo. Não precisava.

“Responda sim ou não.”

“Isso.”

“Responda, por favor.”

“Não.”

“Tem diabetes?”

“Agora, esquece.”

“Os procedimentos são rápidos.”

“Caralho, vou mesmo ser internado?”

“Senhor Ricardo, o senhor ficará na UTI. Estou providenciando agora. Se quiser, avise alguém, ou então depois o hospital fará contato.”

Caralho.

Quis saber que horas são, mas não consegui controlar o telefone. Subiu um feixe de notícias e eu soube do navio encalhado. Dei um salto para uma cadeira de rodas que apareceu na minha frente. Três da tarde, acho. Meu corpo se

dobrou. Respirei fundo. Não deu. Tive um acesso de tosse. Tudo explode e perco o fôlego. Não me mexo. O enfermeiro acelera com a cadeira. Está nervoso? Explodo outra vez. Estou sem cor. Tem certeza? Acho que toda. E agora? Roxo, poderia ser. Tenho algo? Caralho, Ricardo, você vai para a UTI por nada? Fala, qual vai ser a próxima história? Você quer, ainda? Acredita, quero escrever. Tento falar. A raiva e a minha cara. Criei um tumulto para mim. Vai, escuto. Você repete? Não, só não esquece. Então, combinado: não esqueço. Escreve.

Mais uma vez, você perde.

De novo, eu perco.

Pouco tempo depois enfiaram um cano no meu nariz. Adiante, aprenderei o nome certo: cateter. Senti minha mochila colada à perna direita. Era para eu estar sentado. Você vai gritar, Ricardo, pois é uma cama. Cala essa boca. Anda.

Quando tive o colapso respiratório eu estava sentado em uma cadeira de rodas, no corredor do hospital. Tenho certeza absoluta. Não sei o horário. Três da tarde pode ser uma estimativa. É como se o meu pulmão tivesse feito um esforço violento para obter fôlego. Não deu muito certo.

Quero ter certeza e me ergo. Feito? Não, estou de fato deitado. O que aconteceu então, nesse meio-tempo? Se tiverem amarrado meus braços, estouro. Nossa, e com que fôlego? De novo, te ouço: de fato, não posso. Meus braços estão livres. Que máximo, vamos pensar assim? Encontro alguns fios no meu peito. Continua com o movimento lento? Não me lembro. Pronto, tenho outra crise de tos

Se ficar em silêncio e não me mexer, será mais curta.

E qual a garantia? Nem a mínima. Estou tendo um colapso respiratório. Choro um pouco. Tudo bem contar isso?

Se morro, não tem mais livro. É melhor que a gente aguarde? Você é o narrador, se quiser, fale.

Não consegui continuar imóvel e dei um grito. Como eu não tinha voz, a enfermeira se virou com calma. Ameacei o segundo berro.

“Vamos concluir sua internação. O senhor vai para o leito 90 do pronto-socorro da nossa UTI-covid. Sua aliança está em um plástico, dentro da mochila, que eu deixei aqui lacrada. Vai para o cofre junto com as suas roupas.”

Estou pelado.

Um paciente encaminhado à UTI-covid acaba sem roupa. É só isso, Ricardo?

Levam até a cueca. Visto rápido a camisola que a enfermeira me estende. Ela coloca ainda um cobertor na parte inferior do meu corpo, da cintura aos pés, que ficam protegidos. Não sou um cadáver. Ergo um pouco o pescoço e não os enxergo.

O esforço não causou outro acesso de tosse?

Não. Quando voltei a sentir o travesseiro, notei alguns eletrodos presos ao meu peito.

Agora você vai admitir que teve medo?

Os fios estavam ligados a um monitor. Só enxergo a tela se virar muito a cabeça.

Escreva: você sentiu medo?

A enfermeira já estava em pé, com minhas coisas lacradas em um plástico grosso. Consegui ver. Um dos fios acusou que, de novo, meu coração estava disparando.

Fala: qual o nome disso?

Achei que teria outro acesso de tosse.

Admite, homem.

Achei que teria outro acesso de tosse. O primeiro tinha feito estourar na minha vista uma superfície prateada hiperpolida. Dei um salto na cadeira de rodas. Até hoje não sei a hora. Iria se repetir, pois quando percebi que estou no hospital sem roupa, meu coração disparou. A cor agora só poderia ser dourada. Eu aguentaria outro colapso? Não veio nenhuma tosse. Não sinto falta de ar. A febre é muito alta. Com meu coração disparado e minha roupa lacrada junto com a mochila e a carteira, a enfermeira se vira, olha a tela do monitor e os meus olhos. Fecho-os na mesma hora. Talvez quatro da tarde.

Admita: medo e até vergonha.

“Olha, senhor Ricardo, é importante ficar calmo. Mas também é muito importante o senhor ter certeza de algo: lá fora é outra história.”

Agora, escreve e chora?

“O senhor pode ter certeza de que faremos tudo o que pudermos para o senhor voltar para casa.”

Há bastante tempo criei um tumulto íntimo. Ele tem trinta e cinco anos, se não for mais velho. É o tipo de conta que a gente perde com facilidade. Quando era adolescente, preenchi um caderno com as instruções de como ele deveria funcionar. Elas serviram inclusive como rascunho para uma peça que apresentei com alguns colegas no ensino médio. Se alguém quiser ter uma base (não vejo motivo para que eu pesquise um negócio desses), era na mesma época em que os telefones celulares estavam chegando ao Brasil. Disso tenho bastante certeza.

Vá para uma floresta e ande, do jeito que quiser, por algumas horas. Aí está. Só que você faz a caminhada com uma mochila cheia do que lhe der na cabeça, um bom calçado e o

telefone. Garanto que você vai carregar um monte de comida. Dependendo da sua cabeça, imagino que a mochila terá até um fundo falso com sacos de bolacha. Pode ser útil, desde que você depois não tenha receio de beber água no primeiro riacho que lhe aparecer na frente. Do contrário, vai morrer de sede e o tumulto vira um suplício. Não é o plano.

Sempre fomos protegidos: você certamente terá no telefone celular um GPS. Já na semi-intensiva, daqui a um bom tempo, vou passar algumas horas pesquisando um pacote de viagem muito procurado nos Estados Unidos. Por aqui sei de algumas pessoas que também gostam desse tipo de aventura. Por um determinado valor, que pode variar conforme a dificuldade, é possível contratar um guia que leva o grupo de turistas pelas trilhas que são utilizadas pelos imigrantes que tentam entrar ilegalmente no país da Disneylândia. Não sai barato, inclusive é preciso ter cuidado e arranjar uma reserva de dinheiro para o caso de uma gangue de traficantes mexicanos acabar exigindo alguma propina. De resto, é seguro. Àquela altura pensei em fazer uma relação desse tipo de turismo com o da vacina. Agora, perdi o interesse.

O caminho de volta aparece certinho na tela do celular. No final, eu e você teremos obviamente algumas feridas. Caminhamos demais, estamos cansados e irritados com tudo o que certamente dará errado. A gente reclama, fala alto e finge que o sofrimento é enorme. Por fim, ensaia um discurso contra isso e aquilo e também agride todo mundo. Só que dormiremos em uma cama limpa e quente.

Volte para a floresta quantas vezes quiser. Lembre-se do convênio médico. Nosso tumulto sempre terá suas conveniências. Não se trata de uma fraude; de representação, certamente. Não é preciso muita coragem, apenas certa dose de cara de pau.

Meu tumulto não é caótico. Eu o criei, manipulo-o com alguma segurança aqui e ali e sei mais ou menos onde estão o rio, o limite do localizador no celular e o quanto cabe na minha mochila. Cheguei à vida adulta sabendo usá-lo bem. Aproveito-o muito nos livros que faço. Não ache, quando estivermos na floresta, que vou revelar qualquer coisa. Meu tumulto envolve inclusive certo grau de manipulação formal e segredo. Tenho experiência.

Divido apenas uma parte: procure um trecho barulhento da floresta. São os únicos atraentes. Riozinhos calmos servem para os fãs do filme *A lagoa azul*.

Não vá imaginar uma floresta verde. Não é dessas. Espero que você não tenha pensado em uma selva de seriado de televisão. Quem logo se lembrou de *Lost* deve se juntar à galera da *Lagoa azul*. Só mudou a geração.

Os seriados de mistério são piores. Tem gente que não aguenta mais os filhos em casa e exige a reabertura das escolas: eu pago caro, então é serviço essencial. A Tabata Amaral está do nosso lado! São os que precisam espairecer um pouco. Se eu falar em selva, pensarão em árvores e cobra. Logo, vão buscar um agasalho no quarto. Faz frio no mato. A gente assim não vai muito longe. Quem se perde logo jamais poderá cultivar o caos. Pode ser que haja algum medo. A partir daqui, eu nunca quis me aprofundar. Do mesmo jeito, recuso-me a ser mais claro que isso. Se não pode imaginar, esqueça.

A selva do meu tumulto não é verde. Se você disser que é de pedra, perco o controle. Nem sequer chega a ser uma floresta. Não inventei uma palavra certa para o tumulto. Está longe de ser um riozinho. A floresta jamais será muda. Só que dela, para quem não encontra melhor palavra e sabe que, apesar disso, não tem só mato, dá para controlar todos os sons.

Às vezes, não.

O meu tumulto íntimo chegou à maturidade ensaiado, estável e circunscrito. Prepotente, é ao mesmo tempo infantil e tem muito de egoísta. Você concebe algum outro tipo de aventura? Um tumulto pretensioso falha de vez em quando. Não é completamente seguro. Há mais de trinta e cinco anos, se eu não tiver perdido a conta, achei que criar um tumulto era a melhor forma de fazer um plano. Quando ele se perde, não mudo e muito menos escuto qualquer outro ruído. Quebro a cara às vezes. Outras, consigo manobrar, mas com prejuízo.

Peço desculpas ao médico que me internou e espero que ele possa ler a próxima linha:

eu estava com muito medo.

Alguém trouxe um balão de oxigênio, retirou os cateteres que me ligavam a algo atrás da maca e meu coração acelerou. Tive receio de outro acesso prateado de tosse. Tentei me erguer. Não consegui. Percebi que sentia uma forte dor muscular nas pernas, sobretudo na parte superior. Ainda não é nada. Não perco por esperar. Antes que a superfície hiperpolida tomasse de novo conta da minha vista, o balão de oxigênio foi acoplado à maca com habilidade pelo homem mudo e os caninhos voltaram a me encher de ar. Ele puxou a porta e empurrou o conjunto todo pelo corredor. A camisola me cobria. Se não fosse por ela, um lençol me garantiria alguma intimidade. Bem pouca. Meu coração disparou de novo. Daqui a algumas horas, vou notar a dificuldade para diminuir o ritmo. Demora uns vinte minutos para que meus batimentos cardíacos voltem ao normal depois de uma corrida curta e intensa. Estou na tarde de hoje correndo uma ultramaratona.

Alguns minutos depois, eu e o senhor mudo entramos em um elevador.